

Resumo Semanal

07/11 a 14/11

Cenário Internacional

As bolsas americanas encerraram a semana com desempenho misto, praticamente estáveis, com o S&P 500 registrando uma leve valorização de 0,08%. O dólar, por sua vez, teve uma queda de 0,70% frente ao real.

O principal vetor da semana foi o cenário político. O fim do *shutdown* do governo, o mais longo da história com 43 dias de paralisação, foi aprovado pela Câmara e sancionado pelo presidente Trump. Os mercados reagiram com forte otimismo inicial a este desfecho: o S&P 500 subiu 1,8% no restante da semana. O Dow Jones, por sua vez, bateu um novo recorde histórico na quarta-feira (12), apoiado por ações defensivas e de consumo.

No entanto, esse otimismo político foi contrabalanceado por outros fatores. No front da política monetária, dirigentes do Federal Reserve manifestaram oposição a um novo corte de juros em dezembro. Eles citaram que a inflação está persistentemente alta e acima da meta de 2% há quase cinco anos, enquanto a atividade econômica permanece resiliente, frustrando as expectativas de um afrouxamento monetário iminente.

Além disso, a semana também foi marcada por temores sobre os *valuations* elevados no setor de Inteligência Artificial. Essa preocupação atuou como um freio, especialmente em ações de tecnologia, e ajudou a reverter os ganhos iniciais, explicando por que o S&P 500 devolveu sua alta e fechou a semana quase estável.

Por fim, no campo dos indicadores, o *shutdown* dificultou a avaliação precisa da economia, com a Casa Branca afirmando ser improvável a divulgação do *Nonfarm Payroll* e do índice de preços ao consumidor de outubro. Os únicos dados disponíveis vieram do ADP, que mostraram cortes de 11 mil empregos nas últimas semanas de outubro, indicando um enfraquecimento adicional do mercado de trabalho.

Variação do Dólar



Desempenho do dólar

	Na Semana	No mês	No ano
	-0,70%	-1,56%	-14,29%

Ativo	Na Semana	No Mês	No Ano
S&P 500	0,08%	-1,55%	14,49%
Nasdaq	-0,45%	-3,47%	8,59%

Brasil

Bolsa

O Ibovespa avançou 0,37% na sexta-feira (14), encerrando aos 157.738 pontos e recuperando o movimento de alta após duas sessões de correção. O desempenho refletiu a forte valorização do petróleo no mercado internacional e a melhora dos índices em Wall Street.

Na semana, o índice acumulou alta de 2,39%, aproximando-se novamente dos 158 mil pontos.

Destques Corporativos

Banco do Brasil (BBAS3)

O BBAS3 apresentou um 3T25 fraco, pressionado pela piora da inadimplência. O Lucro Líquido Ajustado caiu para R\$ 3,8 bilhões (-60,2% a/a), refletindo principalmente o salto de 77,7% no custo do crédito, que atingiu R\$ 17,9 bilhões no trimestre. A inadimplência acima de 90 dias avançou para 4,93%, com destaque negativo para a carteira Agro, cuja inadimplência subiu para 5,34%. Diante do cenário, o banco revisou para baixo o guidance de lucro para 2025 e elevou a projeção de despesas com PDD.

JBS (JBSS32)

A JBS apresentou um 3T25 misto: a Receita Líquida alcançou recorde de US\$ 22,6 bilhões (+13% a/a), com crescimento em todas as unidades. Por outro lado, a rentabilidade veio pressionada. O EBITDA Ajustado caiu para US\$ 1,83 bilhão (-15% a/a), com margem recuando para 8,1%. O Lucro Líquido foi de US\$ 581 milhões (-16% a/a), impactado principalmente pela compressão de margens na América do Norte, onde os custos do gado seguem elevados.

Cyrela (CYRE3)

A Cyrela entregou um 3T25 sólido, com Lucro Líquido de R\$ 609 milhões (+29% a/a) e Receita Líquida de R\$ 2,13 bilhões (+5% a/a). O destaque foi a forte geração de caixa de R\$ 423 milhões, revertendo o consumo observado no trimestre anterior. O resultado também foi favorecido por um ganho não recorrente de R\$ 251 milhões referente à venda de ações da Cury.

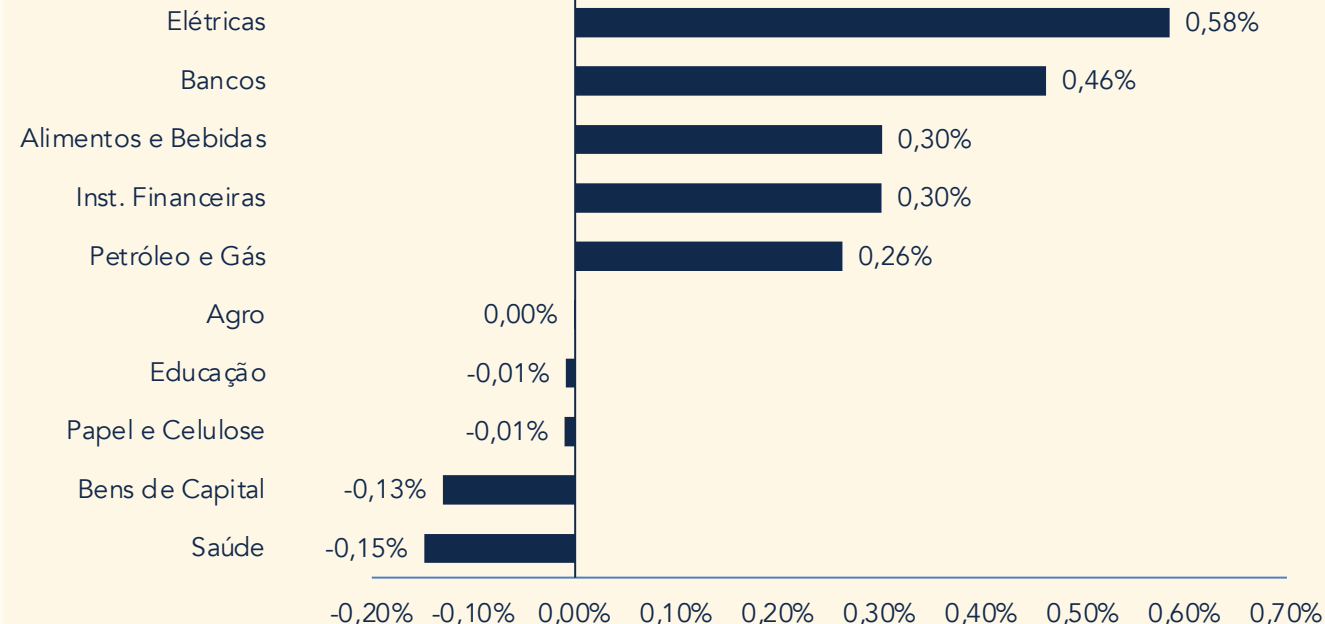
Nubank (ROXO3A, NU)

O Nubank entregou um 3T25 recorde, com Receita de US\$ 4,2 bilhões (+42% a/a) e Lucro Líquido de US\$ 783 milhões, mantendo um ROE elevado de 31%. A carteira de crédito avançou 45%, com destaque para empréstimos com garantia (+133%). No internacional, o crescimento segue acelerado: o México alcançou 13 milhões de clientes e a Colômbia se aproxima de 4 milhões.

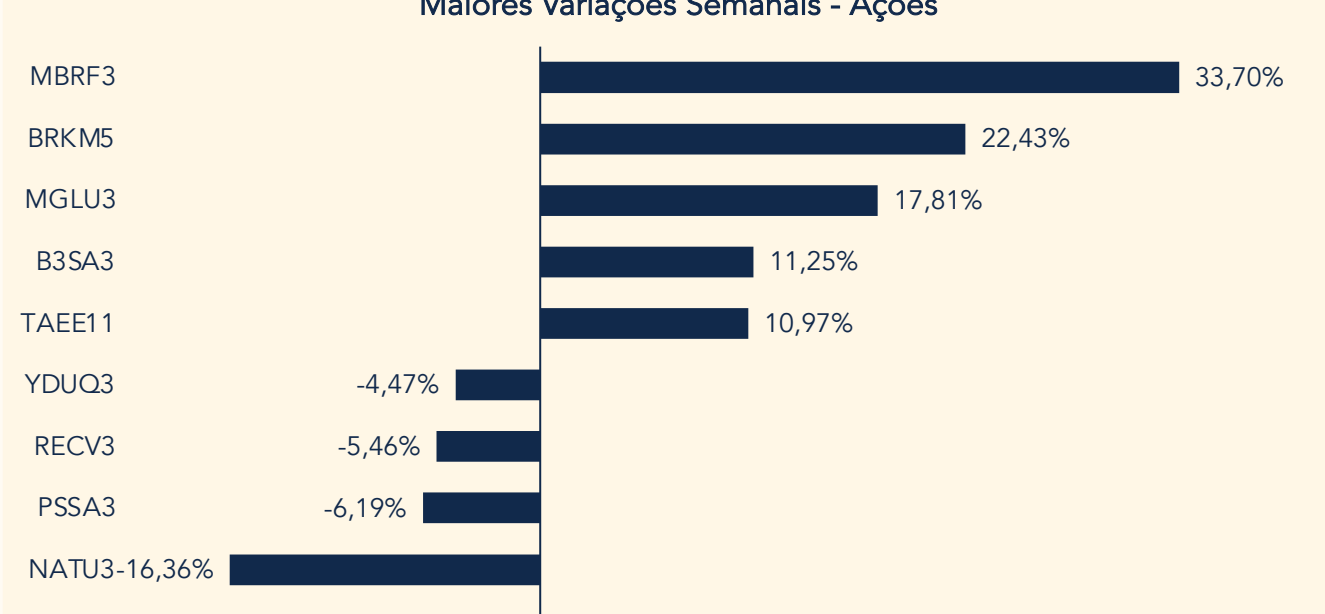
B3 (B3SA3)

A B3 apresentou um 3T25 resiliente, com Receita Líquida de R\$ 2,49 bilhões (+2,1% a/a) e EBITDA Recorrente de R\$ 1,73 bilhão (+1,2% a/a). O Lucro Líquido avançou para R\$ 1,25 bilhão (+3,5% a/a), sustentado pela diversificação dos negócios, que compensou a fraqueza em renda variável. As despesas cresceram apenas 1,2%, abaixo da inflação. A companhia também segue otimizando sua alavancagem, emitindo debêntures mais baratas (CDI + 0,45%) para pré-pagar dívidas antigas, além de reforçar seu posicionamento por meio das aquisições da Shipay e da CRDC.

Variação Setorial



Maiores Variações Semanais - Ações

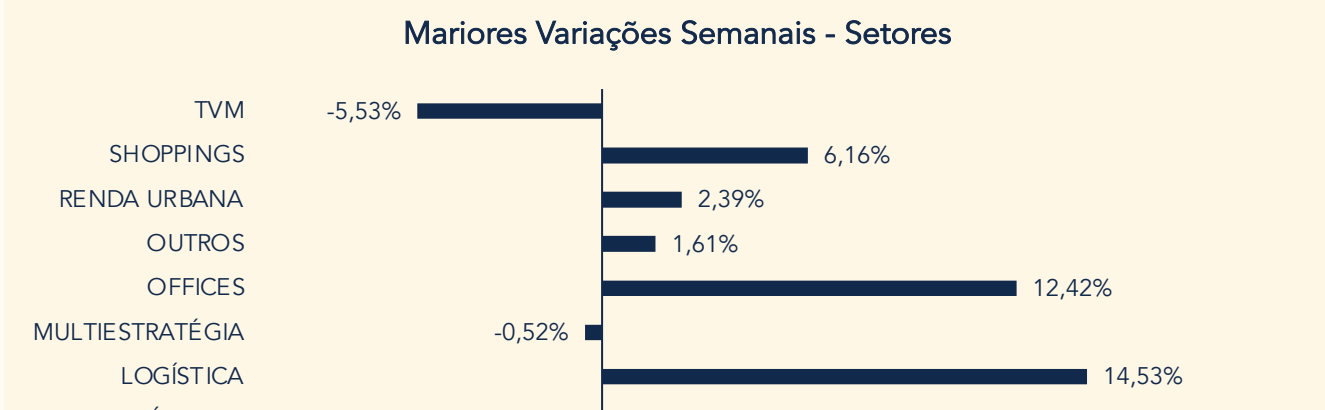


Fundos Imobiliários

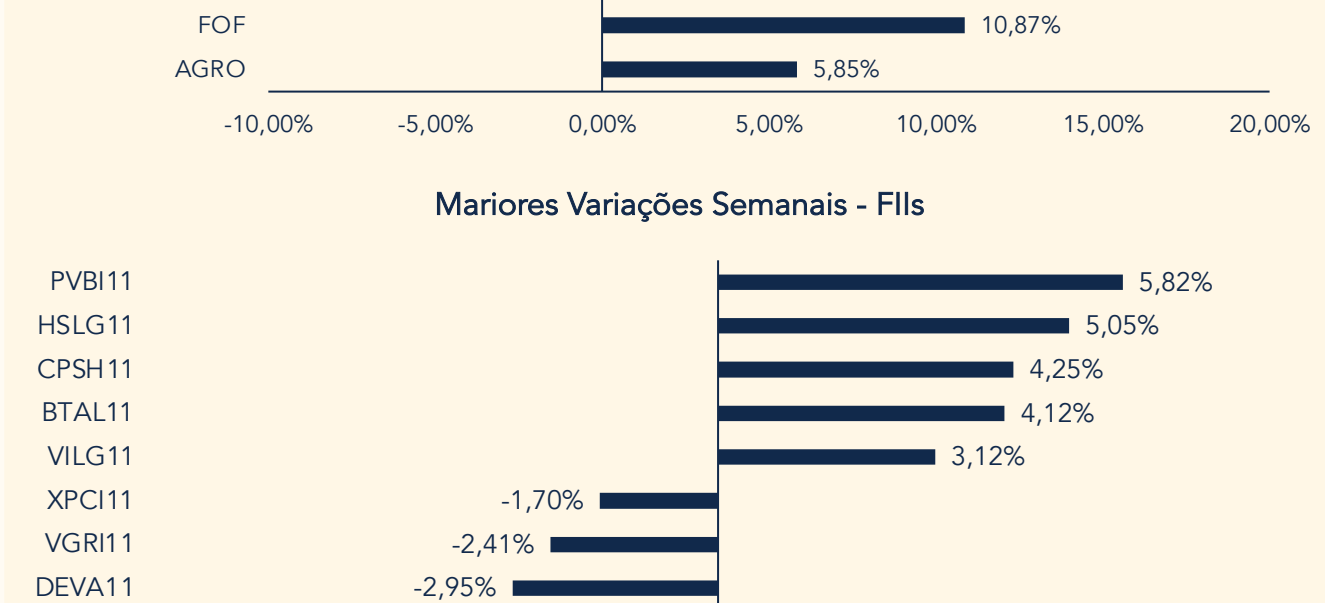
A performance do IFIX na semana foi de 0,56%, encerrando com 3.616 pontos. Como destaques, temos os setores de Logística, Offices e FoF, com performances de, respectivamente, 14,53%, 12,42% e 10,87%. Como destaque negativo, temos os setores de TVM e Multiestratégia, com performances de -5,53% e -0,52%.

Dos fundos que compõem nossa carteira 'Income', tivemos apenas a atualização: o FIL HGLG11 concluiu a aquisição de uma fração adicional de 17% do ativo logístico 'CONE G6', elevando sua participação para 90%. O valor da transação foi de, aproximadamente, R\$ 11 milhões. A liquidação ocorreu sem impacto no caixa do fundo, via compensação com compromisso de subscrição de cotas da 10ª emissão.

Maiores Variações Semanais - Setores



Maiores Variações Semanais - FILs



Juros e Renda Fixa

A semana foi definida por notícias muito positivas no front inflacionário. O principal evento foi o IPCA de outubro, que surpreendeu o mercado com uma alta de apenas 0,09% — a menor variação para o mês desde 1998. O resultado, impulsionado pela queda na energia elétrica, fez a inflação acumulada em 12 meses recuar para 4,68%. Na sequência, a ata do Copic reforçou esse otimismo, reconhecendo a melhora do cenário e sinalizando o maior convicção de que a Selic em 15% é suficiente para garantir a convergência da inflação à meta.

O mercado reagiu imediatamente a esse cenário benigno, provocando um forte fechamento na curva de juros. Embora os vencimentos curtos (DI jan/2026) tenham permanecido estáveis, as taxas intermediárias e longas caíram de forma relevante: o DI jan/2027 recuou de 13,87% para 13,62%, e o DI jan/2031 caiu de 13,38% para 13,17%.

Esse fechamento das taxas, por sua vez, refletiu-se diretamente no forte desempenho dos índices de renda fixa. Como esperado, os títulos mais longos e indexados à inflação foram os maiores beneficiados: o IMA-B 5+ (vencimentos acima de 5 anos) avançou expressivos +1,38%, levando o IMA-B geral a uma alta de +1,03%. No segmento prefixado, o IRF-M avançou +0,71%. O movimento positivo estendeu-se ao crédito, onde o IDA IPCA (debêntures de inflação) subiu +0,94%, enquanto os pós-fixados, como o IDA DI (+0,48%) e o CDI (+0,28%), tiveram ganhos mais alinhados à estabilidade da ponta curta da curva.

Índice	Retorno		Retorno Acumulado		Descrição	Títulos Impactados
	07/11 - 14/11	Mês	2025	12 Meses		
CDI	0,28%	0,50%	12,33%	1,28%	13,85%	Taxa referencial de empréstimos entre bancos.
IMA-B	1,03%	1,29%	11,99%	2,85%	8,73%	CDBs, LCIs, LCAs, Fundos DI, Debêntures CDI, Tesouro IPCA+ em geral (NTN-B), Debêntures, CRIs e CRAs.
IMA-B 5	0,58%	0,64%	10,12%	1,57%	9,84%	Índice de títulos públicos indexados ao IPCA com vencimento até 5 anos.
IMA-B 5+	1,38%	1,80%	13,31%	3,86%	7,76%	Índice de títulos públicos indexados ao IPCA com vencimento acima de 5 anos.
IRF-M	0,71%	0,84%	13,96%	2,14%	14,39%	Índice de títulos públicos prefixados.
IDA DI	0,29%	0,48%	13,96%	1,10%	14,39%	Índice de debêntures corporativas indexadas ao CDI.
IDA IPCA	0,94%	1,14%	15,49%	0,32%	12,19%	Índice de debêntures corporativas indexadas ao IPCA.

